

## Psicopatologia e o viver criativo

Sérgio de Gouvêa Franco

*A condição em que nasce o ser humano é uma condição de crise porque lhe faltam recursos diante das ameaças da vida. Mediante um trabalho criativo, sustentado pela mãe, o bebê cria recursos de sobrevivência e é por eles criado. A superação desta crise primeira torna-se base e modelo para a superação criativa de tantas outras crises da existência. Sobre a criatividade frente à psicopatologia fundamental versa este trabalho. A investigação de autores psicanalíticos – Freud e Winnicott, especialmente o último – é feita dentro do marco clínico e visa finalmente a própria clínica e a vida.*

**Palavras-chave:** Psicopatologia, viver criativo, solidão, Winnicott

## Introdução

Somos seres da dor e do sofrimento psíquico; podemos dizer que somos seres páticos se quisermos enfatizar a origem grega do conceito. Do grego *pathos* (παθος) vem o português paixão, vem patético e patológico também. O derivado *pathetos* (παθητος) quer dizer “aquele que tem capacidade de sofrer”. Humanos, somos aqueles que temos capacidade de sofrer: sofremos a vida. A vida chega como uma experiência que põe a sofrer. Ela desloca, instiga, se insinua de um modo que afeta. Afetados, apaixonados, sofredores. A consciência atrasada<sup>1</sup> nos mostra que outra vez estamos descentrados. Resta reencontrar o equilíbrio. Um equilíbrio que só pode ser pensado dinâmico e nunca estático.<sup>2</sup> Que alguém possa se desestabilizar e cair no chão, não restam dúvidas. O que chamamos de uma vida equilibrada não é outra coisa que uma série enorme de ataques pequenos ou grandes à estabilidade, que foram mais ou menos

1. A idéia de que a consciência é sempre atrasada aparece na fenomenologia de Edmund Husserl.
2. Um sistema físico se diz em equilíbrio estático quando a resultante de forças é nula. O sistema se diz em equilíbrio dinâmico quando há uma resultante de força diferente de zero que produz movimento. O equilíbrio psíquico só pode ser obtido em movimento, mediante constantes alterações de posição. Diz-se também que um sistema pode ter um equilíbrio estável ou instável. O equilíbrio é dito estável se responde a uma perturbação proveniente do ambiente de um modo que recompõe o equilíbrio, caso contrário o equilíbrio é instável. A linguagem física se apresenta aqui como metáfora interessante do comportamento humano diante das constantes ameaças da vida.

neutralizados. Uma existência sem ofensas à estabilidade, serena e que sem esforço possa ser assim mantida é uma construção apenas imaginária. Os ataques se repetem: vêm de dentro do aparelho psíquico – o jeito que Freud chamava a parte intangível do ser humano; vem de fora: da natureza e das vivências em sociedade.

A palavra *falha* se usa em geologia, quando a rocha se abre e se aprofunda, quando o terreno firme vai para um lado e vai para o outro, abrindo uma fenda. A falha é feita de planos de clivagem que se afastam, é o abismo, o sem fundo, a profundidade. Pode se dizer que o humano estaria colocado na falha, em uma condição delicada, sem apoio, em desamparo. Há uma falha primordial. Esta experiência na falha produz náuseas, mal-estar de quem ficou lançado no ar e que clama por amparo.<sup>3</sup> É por isso que se diz que há uma psicopatologia fundamental (Berlinck, 2000), que aponta para uma condição de fragilidade e dependência constitutivas. Trata-se de uma situação de sofrimento que não é um acidente, mas o modo mesmo como a vida é vivida. É a descoberta da natureza mesma pática da experiência psíquica.

Freud pensava que esta condição psicopatológica fundamental – marca do humano,<sup>4</sup> poderia ser em grande medida explicada pela neotínea: nascemos aparentemente antes do tempo. Somos prematuros, nascemos com menos de 2kg de massa psíquica. Devemos esta predisposição originária às crises psíquicas ao fato de nascemos antes de estarmos prontos. E o que se vai dizer é que nunca ficamos prontos. Mas Freud, pensador arguto e profundo, não era totalmente negativo acerca desta matéria. A neotínea – pensava ele – cria cultura, cria cultura e o aparelho psíquico. Nascer prematuramente permite ao humano um desenho intelectual, social e cultural sem paralelo no mundo animal. Mas não se deve esquecer que embutido neste ganho há um preço a pagar: uma infância que não passa. A infância se prolonga, a fragilidade originária se mantém, as feridas psíquicas ficam do começo ao fim da vida. O nascimento coloca o humano em uma situação de falta. Desajustes múltiplos, riscos mortais: em resposta a ser posto na falha e na falta desde o nascimento a cultura é criada.

Consciente desta condição de se nascer despreparado, Winnicott chamava atenção ao ambiente, primordialmente oferecido pela mãe, onde a criança nasce. O prematuro precisa de um ordenamento do entorno para sua sobrevivência psíquica (e de outras naturezas). É um entorno suficientemente bom, maternal

3. O tema da angústia humana frente a um mundo incomparavelmente maior, diante do qual se sente impotente, aparece claramente no pensamento existencialista desde seus precursores, por exemplo em Soren Kierkegaard. (Kierkegaard, 1979)

4. A origem etimológica da palavra *humano* remonta a *húmus*, matéria orgânica que compõe o solo. O poeta hebraico destaca esta condição humana frágil: “Somos pó” (Salmo 103: 14).

e materialmente, que funda um sentimento de permanência, de segurança e de continuidade do ser no bebê. A crise do nascimento reclama pela noção de cuidado. Se não há uma simbiose mãe-filho, o bebê não pode sobreviver à crise do nascimento. Cada crise posterior, que desvela a psicopatologia fundamental, exige a instauração de um marco novo que permita o restabelecimento de um equivalente à simbiose primitiva. Um marco, é bom lembrar, sempre provisório e precário.

Destinado à crise e também à superação criativa da crise, o bebê dispõe das palavras e das coisas que basicamente o ambiente lhe oferece para enfrentá-la. A criação de um espaço, que Winnicott chamava de transicional, pela dupla mãe-bebê,<sup>5</sup> é absolutamente necessário para que possa se estabelecer e se manter a confiança na própria continuidade, na capacidade de estabelecer nexos entre si mesmo e o mundo, na faculdade de julgar, simbolizar, pensar e criar. Cada crise posterior na vida demanda um novo marco criativo que nunca desfaz a condição psicopatológica fundamental, mas que permite a continuidade da existência. São os recursos que minimizam o sofrimento, que aplacam a dor, que permitem uma vida minimamente coerente e feliz. Trata-se da insistência criativa em viver, em uma situação hostil.

Exatamente sobre isto versa este trabalho: sobre a criatividade frente à psicopatologia fundamental. Estuda-se aqui a solução criadora frente à crise inicial da vida, que se torna modelo para pensar as demais crises da vida e em grande medida para pensar a própria clínica psicanalítica. A investigação de autores psicanalíticos – Freud e Winnicott, especialmente o último – é sempre feita dentro do marco clínico e visa finalmente a própria clínica e a vida.

### **Viver de modo criativo**

A noção de criatividade que Donald Winnicott (Winnicott, 1999) introduz distingue criatividade nas artes e criatividade na vida. O índice da vida criativa é a experiência de sentir que a vida vale a pena. A vida que parece aborrecida ou totalmente infeliz é a vida na qual o elemento criativo não se estabelece.

Winnicott vai assentar a noção de criatividade na noção de existência. Criativo é aquele que desfruta da experiência de estar vivo. Pode não estar consciente do fato, mas sua vida se assenta sobre a noção e valor da existência.

5. O espaço transicional é criado pelo par mãe-bebê, em um ambiente de confiança, onde a presença e o contato com o outro são vividos de modo benigno.

Descartes também usou a noção de existência como fundamento do seu pensamento racional. A fim de combater o ceticismo que achara seu apogeu no século XVI em Montaigne, Descartes põe em dúvida a dúvida, fundando o pensamento na existência: *cogito ergo sum* (1978). Para Winnicott a existência não é tanto o fundamento da certeza. Para Winnicott, a existência é a base para a ação. A ação criativa é a que nasce da própria noção de existir. Portanto, aquele que pratica o fazer criativo existe: crio logo existo, logo sou, logo estou vivo e desfruto da existência como algo benigno. A criatividade é uma vitória contra a vida sem valor. A ação nasce da noção de existir, do cerne do ser.

Há vidas apenas reativas. Retire os estímulos destas pessoas e sua ação desaparecerá. Seu núcleo existencial tem pouco efeito, pouca capacidade criativa. São pessoas de tal forma determinadas desde fora, que a interpretação behaviorista pode bem explicá-las. São um modelo perfeito de ação e reação. A clássica distinção explicar versus compreender o comportamento humano fica superada (Ricoeur, 1978): são humanos sem criatividade. Suas ações parecem poder ser explicadas pelos estímulos de fora; ações compulsivas, de onde a liberdade se afastou. Não tem uma ação que nasça do centro da vida.

Winnicott não pensa de modo voluntarista: não se trata de tomar uma decisão sobre o assunto. O que está em pauta é a natureza das primeiras experiências que capacitam (ou não) o desfrute de estar vivo, que desemboca em atos criativos e que afasta uma vida apenas reativa. A criatividade tem a ver com uma capacidade que aparece na primeira infância e que pode ser mantida a vida toda. Que capacidade é esta? A capacidade de criar o mundo onde se vive. O bebê – tendo as condições razoavelmente boas – cria o mundo a seu redor e nem se dá conta de que este mundo já estava lá antes de tê-lo criado.

O princípio da realidade de Freud tem a ver com a capacidade que se forma lentamente no bebê de ir percebendo e aceitando que o mundo que ele criou estava lá antes do bebê tê-lo criado ou mesmo antes dele ter sido concebido. Esta capacidade só é possível se a experiência anterior com a ilusão e com a onipotência foi vivamente vivida. O princípio da realidade, que é uma afronta ao narcisismo do bebê, só pode ser aceito graças às experiências felizes do período da ilusão.

Uma forma não criativa de lidar com a realidade é a submissão; trata-se da aceitação submissa da realidade. Freud descreveu muito bem o que ele considerava uma vida normal: a vida normal é aquela que associa a aceitação da realidade da neurose e a intenção transformadora da psicose. Em seu artigo *A perda da realidade na neurose e psicose* de 1924, define saúde como uma combinação das respostas da neurose e psicose frente à realidade:

Chamamos um comportamento de “normal” ou “sadio” se ele combina certas características de ambas as reações: repudia-se a realidade tão pouco

quanto uma neurose, mas se depois se esforça, como faz uma psicose, por efetuar uma alteração desta realidade. Naturalmente, esse comportamento conveniente e normal conduz à realidade do trabalho no mundo externo; ele não se detém, como na psicose, em efetuar mudanças internas. (Freud, 1924, v. XIX, p. 207)

Fiquemos atentos para onde aponta Freud quando quer pensar a saúde psíquica, ou seja, quando quer pensar o melhor da possibilidade humana. Ele aponta para o ato criativo que transforma o mundo. O melhor é ao mesmo tempo aceitar e rejeitar a realidade, acolher e transformar a realidade. Se desejarmos ser precisos: acolher para transformar a realidade.

Freud trabalha contra uma fuga da realidade tal como na psicose. Mas trabalha também contra uma fuga para realidade, em uma neurose que se recusa a retribuir todo e qualquer impulso erótico.<sup>6</sup> Ele não quer reduzir seus pacientes a simples vassalos da realidade, Sanchos Panças (de Cervantes) que perdem toda transcendência, que se emburrecem e se empobrecem crendo que o que é deve ser. Tampouco ensina o caminho de Dom Quixote que em sua briga com o real alucina inimigos em moinhos de vento. Não recomenda como modelo a criança que se mantém delirante, onipotente, que, desprezando a realidade, opera apenas uma pseudocriatividade.

A criatividade vai com o trabalho, com o trabalho de transformação da realidade anteriormente aceita. Em jogo um trabalho com paralelismos em outros trabalhos da mente humana, bem destacados por Freud: o trabalho do sonho, do luto e o trabalho clínico da elaboração. São trabalhos que aceitam e transformam a realidade e transformam o aparelho psíquico que transforma e é transformado pela realidade. Em Freud a criatividade tem a ver com trabalho, com imaginação e trabalho.

A criatividade que se forma nos primeiros estágios da vida tem a ver com a capacidade de se lançar um olhar próprio sobre tudo que ai está. No dicionário criar quer dizer “dar existência a” (Ferreira, 1986), a criatividade aqui contemplada tem a ver com a capacidade de a tudo olhar como se fosse a primeira vez. Trata-se de uma percepção da realidade que traz um toque pessoal, um jeito próprio, criativo de ver a realidade: ou seja, um modo de viver que cria o mundo exatamente onde ele esta mas com um toque pessoal, próprio.

Esta é a criatividade em consideração: a capacidade de ação de quem está vivo e desfruta deste fato. A criatividade é vista como um atributo do existente que desfruta da sua própria vida. O que Winnicott está dizendo é que o ser precede o fazer, mudando a máxima existencialista.<sup>7</sup> Caso contrário o que se tem

6. A oposição “fuga da realidade” e “fuga para a realidade” aparece em Coelho Jr., N. E. *A força da realidade na clínica freudiana*.

7. O existencialismo afirma que a existência precede a essência.

é uma ação mecânica, heteronômica, legalista, moralista, doutrinária, em última instância, falsa. Ou o ser se desenvolve antes do fazer, ou o que resulta é uma artificialidade que se manifesta na ação clichê e responsiva. Quando há este desenvolvimento ser-fazer aparece a ação autêntica, a ação criativa: uma ação que cria um mundo que já existia com as marcas daquele que o criou.

Esta impregnação do mundo com algo pessoal tem a ver com a capacidade imaginativa. Se a imaginação foi embora, a criatividade também. Esta impregnação da realidade só pode ocorrer com a preservação de algo secreto em cada um. É este algo próprio, secreto e pessoal de cada um que é a verdadeira fonte da criatividade.<sup>8</sup>

O viver criativo nasce da sensação de estarmos vivos e de sermos nós mesmos e ao mesmo tempo fortalece esta noção. Trata-se de um estado de espírito que é o negativo do espírito depressivo esquizóide. Em vez de tudo parecer sem graça e sem força quando se olha, prevalece o sentimento de que a vida parece valer a pena ser vivida. O viver criativo não demanda nenhum talento especial como a criação nas artes o faz. O viver criativo (ou a falta dele) tem a ver com a noção da presença (ou falta) daquilo que mais nos caracteriza como humanos: a impregnação da realidade com nosso toque pessoal.

Muitos relacionamentos amorosos podem definhar porque a vida criativa de um ou de ambos fica impedida pelo outro. O mesmo pode ser verdade para a vida do trabalho. O tédio resulta desta negação ou diminuição da criatividade. Frequentemente aparece um conflito, um choque, entre o impulso pessoal e os compromissos estabelecidos para a manutenção da confiança. A questão seria então: como manter a criatividade e a confiança juntas? Ou, colocando de outra maneira, como aceitar a realidade sem a perda do impulso pessoal? Quanto mais feliz foi a infância de um bebê maior será sua capacidade para encontrar uma solução positiva para este conflito fundamental do ser humano.

A imaginação ocupa um lugar fundamental na resolução deste enigma, na vida sexual e na vida criativa em geral. É necessário realçar o valor da projeção, da introjeção e o lugar da identificação. O que está em jogo é a capacidade de alucinar aquilo que esta bem à frente. Criar o que já existe. Trata-se de uma capacidade que aparece na vida adulta e que tem origem na infância: a capacidade de encontrar na realidade o que se está criando. A experiência feliz com a mãe permite ao bebê manter a onipotência infantil pelo tempo necessário para desfrutar da ilusão de sua força. A desilusão não traumática só é possível a base daquela experiência. Esta é a base da capacidade de criar o que já existe.

8. Cf. a sessão a seguir intitulada "A capacidade para estar só".

Quando a criança não tem a suficiente experiência com a onipotência terá que exacerbar a onipotência na vida adulta, a criatividade artificialmente estabelecida e o controle. Só a doce experiência com a onipotência sustentada pela mãe é a base para que se forme a capacidade para ir abandonando a onipotência e para a aceitação deste lugar de um entre outros no mundo dos humanos.

A vida fútil é a vida onde esta capacidade criativa não pode ser recuperada na vida adulta. Não se trata tanto do que se faz, mas se o que se está fazendo carrega ou não um toque original. A pessoa criativa pode fazer criativamente qualquer coisa. A marca da criatividade é a sensação de que há algo novo e inesperado no ar. O contrário é a vida entediante e finalmente sem sentido. A criatividade tem a ver com a concepção de algo que já existe, com aquilo que Winnicott chama de apercepção, a percepção criativa. O viver criativo tem a ver com viver uma vida própria onde o princípio da realidade não é sentido como totalmente castrador. O casamento só pode seguir criativo se for possível manter todo tipo de projeção e introjeção de parte a parte em todos os campos da vida de relacionamento entre ambos, inclusive o campo sexual. A vida criativa tem a ver com a capacidade de se surpreender e de ver o novo onde estava o conhecido. Claro que o viver criativo é um conceito que não necessariamente tem a ver com a idéia de se dar bem na vida, mas com a idéia de que a vida vale a pena.

Em Freud a criatividade tem a ver com trabalho, com imaginação e trabalho – dissemos há pouco. Em Winnicott a imaginação é ainda mais valorizada. Heitor O'Dwyer de Macedo coloca em boas palavras:

Freud definirá a normalidade como um equilíbrio sutil entre neurose e psicose, Winnicott concebe a saúde psíquica na proximidade da loucura. (É verdade que ele era um grande admirador de Shakespeare.) Em Winnicott, a aliança entre um amoralismo radical e uma tolerância redefine a concepção da paixão e da psicopatologia. Esta última, na linha rigorosamente freudiana, é uma fonte inestimável de compreensão do ser humano, fonte na qual se enraíza toda a criatividade. (Macedo, 2001, p. 138-47)

### **A capacidade para estar só**

Para ser criativo é preciso ter um cerne pessoal, ter um cerne secreto, um ponto sagrado e isolado onde cada um é a si mesmo do modo mais radical, de onde toda verdadeira criatividade emerge. Winnicott nos fala da capacidade de estar só que expressa e constitui este espaço sagrado interno (Winnicott, 1983, p. 31-7 e 163-74).

A capacidade de estar só é um dos sinais de maior desenvolvimento emocional do indivíduo, trata-se de uma alta capacidade psíquica. Na clínica aparecem ocasiões em que a capacidade de ficar só é importante para o paciente. O silêncio surge como uma necessidade e conquista do paciente. Tal silêncio longe de ser evidência de resistência representa uma manifestação de uma capacidade psíquica, a capacidade de realmente ficar só.

Menos do que falar sobre o medo ou desejo de ficar só, aqui se quer falar sobre a capacidade de estar só. Winnicott não quer falar da reclusão com um efeito da expectativa paranóide. Lembra que o pensamento psicanalítico refere-se frequentemente às relações triangulares, por exemplo no Édipo, e às relações duais, por exemplo na relação pré-edípica mãe e bebê. No entanto, Winnicott quer chamar a atenção para a experiência unipessoal. O narcisismo por exemplo é uma relação unipessoal anterior as relações tri e bipessoais.

Aquilo que Winnicott chama de capacidade de ficar só é entendido como um fenômeno altamente sofisticado, ao qual uma pessoa pode chegar em seu desenvolvimento após as relações triádicas e biádicas. Contudo para ele esta experiência tem origem em um fenômeno primitivo e primário, uma experiência de solidão benigna muito antiga. A experiência para a qual se refere Winnicott é a capacidade do bebê de ficar só na presença da mãe. Portanto, esta capacidade de ficar só tem uma origem paradoxal. Esta capacidade se desenvolve apenas na presença de alguém, mais especificamente da mãe. O lactante está só, experimenta sua solidão e seu silêncio, enquanto este momento é suportado pela presença confiada e silente da mãe.

Um exemplo desta capacidade de estar só na vida adulta é o momento após o coito. Cada parceiro está só e contente de estar só. Trata-se de uma experiência de estar só que não é a mesma da reclusão. Há uma integração da noção de tempo que permite que se espere pela evolução dos acontecimentos e que outro momento apareça sem ansiedade. Um outro exemplo de capacidade de ficar só está relacionado com o modo como a criança lida com a cena primária. A criança aceita a cena primária, ou seja, a cena excitante percebida ou imaginada acerca de seus pais. A criança saudável pode lidar com a raiva e a excitação daí decorrente. Ela aceita ser o terceiro nesta relação triádica. Pode usar esta experiência, por exemplo, na masturbação. Esta experiência de estar só a partir da cena primária revela uma capacidade de integração do elemento agressivo e do elemento erótico e revela também a capacidade de tolerar sentimentos ambivalentes.

É possível abordar o tema tomando a teoria de Melanie Klein como referência. A capacidade de ficar só estaria ligada nesta formulação à existência de um objeto bom na realidade psíquica do indivíduo. A presença deste objeto interno garantiria a sensação de confiança do indivíduo frente ao presente e ao

futuro. Esta ligada à capacidade de sentir auto-suficiência no viver e capacidade de descansar, contente mesmo na ausência de objetos ou estímulos externos. A capacidade de ficar só tem a ver com uma maternagem suficientemente boa que gera uma confiança num ambiente benigno. Esta confiança se constrói por meio da repetição de gratificações instintivas satisfatórias. Neste caso o que temos é uma experiência anterior à experiência triádica no Édipo. Mas já se trata de um momento onde uma certa integração já se operou porque o bebê já experimenta a distinção entre dentro e fora.

Winnicott quer investigar um momento ainda anterior, anterior à vida adulta e à experiência de estar só após o sexo, anterior à vivência triádica na cena primária, ou biática, na experiência da introjeção do bom objeto de Klein. Ele se pergunta se é possível ficar só antes disto. Fala de uma experiência primeva que é a base da capacidade de ficar só na vida adulta que é a experiência de ficar só na vida precoce do bebê, quando a imaturidade do ego é compensada pelo apoio do ego da mãe. À medida que o tempo passa o indivíduo introjeta o ego auxiliar da mãe e, dessa maneira, se torna capaz de ficar só sem apoio freqüente da mãe.

Quando alguém diz “eu estou só”, a frase pressupõe um alto desenvolvimento emocional. Primeiro pressupõe um eu razoavelmente inteiro e íntegro, alguém que diz *eu*. O *eu* foi capaz de afastar o mundo externo e se constituiu de modo razoavelmente organizado. O verbo *estar* implica que não apenas o indivíduo tem um ego razoavelmente integrado como tem vida. Só é possível atingir este estágio se o provimento emocional da mãe foi razoavelmente bom, mediante uma boa identificação com a criança. Por fim, a frase completa “eu estou só” significa um desenvolvimento que já incorporou a noção de que a mãe está continuamente lá e disponível. Assim é que a criança pode se permitir ficar só sem ficar apavorada; tem a capacidade de ficar só e desfrutar a solidão. Assim a capacidade de ficar só nasce de uma boa experiência de ter sido acompanhado, de experimentar a presença do outro.

Quando o eu pode integrar o impulso do id aparece uma vida criativa e espontânea. Quando a criança pode estar só é que pode descobrir sua vida pessoal própria. Portanto, a criatividade decorre desta capacidade de ficar só e vivenciar o que é próprio. Quando não há esta capacidade o que temos é uma vida reativa a estímulos externos, o que Winnicott chama de uma vida com um falso *self*. Quando a criança, e o adulto também, têm a capacidade de ficar sós, podem digamos assim relaxar. Nesta situação a criança pode experimentar de modo não persecutório a capacidade de estar não-integrada, de devanear, de estar em um estado de desorientação, de estar em um estado que não precisa reagir às contingências externas, nem mesmo precisa atender às demandas internas que a levem a uma dada direção. Neste estado de desorientação não-paranóide tudo

está preparado para o aparecimento do impulso do id. O impulso será recebido então como algo próprio e pessoal. Por isso tudo é importante a presença de alguém, disponível e sem exigências. Quando chega o impulso, se há este acompanhamento, então poderá haver um aproveitamento produtivo, criativo. Assim se constitui uma vida real e não fútil. O indivíduo que desenvolveu a capacidade de ficar só está constantemente capacitado a redescobrir o impulso pessoal e de criar a partir dele.

### Quando o viver criativo não se estabelece

Quando o viver criativo não se estabelece este pode ser um indício do comprometimento psíquico. Assim como as perturbações do sono, as manifestações somáticas e muitas outras manifestações psicopatológicas, o viver não criativo pode apontar para limitações no funcionamento psíquico mais ou menos graves. Em vez de impregnar o mundo com um olhar e ação próprios o que pode aparecer é uma experiência de submissão que traz consigo um sentido de inutilidade e uma noção de que nada realmente importa. O viver não criativo se manifesta neste caso em pessoas firmemente ancoradas na realidade, mas doentes no sentido de que perderam o contato com o mundo subjetivo e com a aproximação criativa dos fatos.<sup>9</sup>

A idéia de uma vida submissa é descrita em Winnicott com o auxílio do conceito de um eu com um falso *self*, com uma falsa personalidade (Winnicott, 1983, p. 128-39). É uma idéia que tem origem em Freud, quando este destaca que o eu pode estar orientado para o exterior e relacionamentos com o mundo em detrimento do contato com a sexualidade. Winnicott destaca uma sobre-adaptação egóica. O eu está tão aterrorizado com as demandas do id que se afasta de todas as suas excitações; o eu se torna incapaz de incorporar as excitações, que são vividas de modo traumático. Neste sentido, o eu é incapaz de sustentar os riscos envolvidos e as frustrações necessárias no caminho de poder experimentar a satisfação do id.

9. Sócrates caracterizou seu método pedagógico de *maiêutica*, que quer dizer dar à luz, fazer o parto. A tarefa pedagógica, portanto, não seria transmitir conceitos, e sim parir conceitos que já estão incipientes no discípulo. Trata-se de uma dialética, de uma relação, de um diálogo. O que o psicanalista aponta agora remonta uma tradição humanista antiga que pensa as relações humanas não como uma heteronomia, ou seja, como uma invasão do outro, uma *alte-ra-ção*, mas como uma elucidação produzida pela relação com contribuição do par que se relaciona.

O falso *self* pode se implantar com tanta intensidade que passa a ser confundido socialmente com a personalidade real.<sup>10</sup> Em casos menos extremos o falso *self* defende o verdadeiro *self* que permanece operante em alguma parte da vida psíquica. O falso *self* pode ser associado a uma rigidez de defesas; não raro, no caso de o indivíduo dispor de grande capacidade intelectual, o falso *self* se manifesta na vida intelectual. Há dissociação neste caso entre a vida intelectual e a experiência psicocorporal. A etiologia desta psicopatologia deve ser buscada nas relações primeiras mãe-bebê. Se a mãe pode física e simbolicamente acolher às primeiras manifestações, os primeiros gestos espontâneos do bebê, a onipotência imaginária pode se estabelecer. Mas se “a mãe não foi suficientemente boa”, para usar a expressão de Winnicott, o *self* verdadeiro não pode se desenvolver adequadamente: a mãe não ofereceu o apoio necessário ao frágil e incipiente eu. A ilusória onipotência do latente não se estabelece. O gesto espontâneo é substituído pelo gesto submisso que busca uma mãe insensível às necessidades do bebê.

Se a mãe oferece uma adaptação razoavelmente boa às necessidades do bebê, o eu frágil vai ganhando confiança em seu poder ilusório de criar o mundo, começa a confiar na realidade externa que a seus desejos se submete. De fato esta ilusão de que o mundo se lhe submete aos desejos é sustentada pela ação da mãe. O verdadeiro *self* tem espontaneidade, cria e recria o mundo e pode gradativamente ir abandonando a ilusão de sua onipotência. Se a mãe não pode se submeter às necessidades do bebê, só resta ao bebê o gesto submisso que constrói um *self* falso e defensivo, incapaz de brincar com a realidade.<sup>11</sup>

No outro pólo de uma vida submissa, encontramos a experiência de viver a realidade como algo inteiramente subjetivo. O que se quer dizer com vida subjetiva é que se trata de uma vida pautada por uma percepção e construção da realidade que não são compartilhadas socialmente (Winnicott, 1975, p. 95-120). Em situações extremas temos o delírio, genericamente temos os casos esquizóides. São pessoas marcadas por certas ilusões e reações a estas que em grande medida comprometem seu desempenho social. No limite está a esquizofrenia. Não se trata de estabelecer uma divisão firme entre os quadros apresentados: a vida criativa e os estados esquizóides. A alucinação, nós sabemos,

10. Do ponto de vista da experiência clínica podemos dizer que o paciente consegue sucesso onde não desejou ter sucesso. Sente-se um alienígena em sua própria vida falsa. Há uma sobreadaptação às expectativas alheias que encontra uma metáfora interessante e engraçada no filme *Zelig* de Wood Allen, onde o protagonista vai se transformando na aparência de seu interlocutor: diante de um japonês vai mudando para parecer japonês, etc.

11. A noção de brincar é tão importante em Winnicott, para o conceito de criatividade, que se pretende dedicar posteriormente um artigo ao assunto, cf. Winnicott, 1975.

é uma experiência que pertence a todos no sonho, já destacava Freud. Winnicott vai destacar que as manifestações esquizóides estão claramente presentes na vida infantil. Uma pessoa esquizóide, ou mesmo esquizofrênica, pode ter uma razoável felicidade em uma comunidade que a acolhe. O que se destaca aqui é a dissociação da personalidade daí decorrente, um verdadeiro *splitting*.

Há indivíduos em situações ambientais extremamente adversas que na vida adulta tiveram sua capacidade criativa reduzida, quase eliminada. Mas o que aqui se destaca, sobretudo, é a etiologia infantil destas psicopatologias. Felizmente menos nos casos mais severos de personalidade falsa, permanece uma vida secreta, uma qualidade criativa e original que em grande medida caracteriza o ser humano.

A criatividade aqui mencionada, menos se refere diretamente à produção artística, científica ou religiosa, como se refere a um modo de se relacionar com a realidade socialmente construída. A ofensa da criatividade no ser humano, por ausência de fatores ambientais positivos na infância ou mesmo em situações extremas na vida adulta, parece poder ser associada a certas manifestações psicopatológicas com menor ou maior intensidade, com maior ou menor gravidade como o desenvolvimento de um falso *self*, da droga-adição, da delinqüência juvenil, dos quadros esquizóides e da esquizofrenia.

## Conclusão

Por fim podemos dizer que a condição em que nasce o ser humano é uma condição de crise porque lhe faltam recursos diante das ameaças da vida. Mediante um trabalho criativo, sustentado pela mãe, o bebê cria estes recursos de sobrevivência e é por eles criado. A superação desta crise primeira torna-se base e modelo para a superação criativa de tantas outras crises da existência. A ausência desta solução inicial deixa o humano lançado em sua fragilidade, em condição indefesa que se manifesta em várias psicopatologias. Compreender estas coisas ajuda ao psicanalista no processo de criar um espaço favorável para que os elementos criativos fundamentais que não se estabeleceram na infância possam ser tardiamente formados.

## Referências

ANZIEU, D. *El cuerpo de la obra – Ensayos psicoanalíticos sobre el trabajo creador*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1993.

- BERLINCK, M. T. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.
- COELHO JR., N. E. *A força da realidade na clínica freudiana*. São Paulo: Escuta, 1995.
- DESCARTES, R. *Discurso sobre o método*. Trad. M. Pugliesi e N. P. Lima. São Paulo: Hemus, 1978.
- FÉDIDA, P. *Clínica psicanalítica – Estudos*. Trad. C. Berliner et all. São Paulo: Escuta, 1988.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.
- FRANCO, S. G. A realidade na neurose, perversão e psicose – Uma leitura de Freud. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano XII, n. 121, maio 1999.
- FREUD, S. (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: *E.S.B. Comentários e Notas de J. Strachey*. Colaboração de A. Freud. Edição Brasileira dirigida por J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX.
- JULIA, D. *Dictionnaire de la philosophie*. Paris: Larousse, 1964.
- KIERKEGAARD, S. *Diário de um sedutor, temor e tremor e o desespero humano*. Trad. C. Grifo. Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril, 1979.
- MACEDO, H. O. Entrevista concedida a M. E. Costa Pereira. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v. IV, n. 4, p. 138-47, dez. 2001.
- MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia. Dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- OUTEIRAL, J. O. e GRANA, R. B. *Donald W. Winnicott – Estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- RICOEUR, P. Explanation and understanding: on some remarkable connections among the theory of the text, theory of action, and Theory of history. REAGAN, C. e STEWART, D. (eds.). *The philosophy of Paul Ricoeur. An anthology of his work*. Boston: Beacon, 1978, p. 149-66.
- TAYLOR, W. C. *Dicionário do grego. Vocabulário grego-português*. 5. ed. São Paulo: Juerp, 1978.
- WINNICOTT, D. W. A criatividade e suas origens. In: *O brincar e a realidade*. Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 95-120.
- \_\_\_\_\_. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. In: *O ambiente e os processos de maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. I. C. S. Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983, p. 128-39.
- \_\_\_\_\_. *Natureza humana*. Trad. D. L. Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Tradução P. Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A família e o desenvolvimento individual*. Trad. M. B. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

## Resumos

*El ser humano nace en una condición de crisis porque le faltan recursos frente a las amenazas de la vida. Por medio de un trabajo creativo, sostenido por la madre, el bebé crea recursos para sobrevivir y es por ellos creado. La superación de esta crisis primera se torna la base y el modelo para la superación de tantas otras crisis de la existencia. Este trabajo versa sobre la creatividad frente la psicopatología fundamental. La investigación de autores psicoanalíticos como Freud e Winnicott, sobretudo este último, es hecha dentro del marco clínico y visa finalmente la clínica misma y la vida.*

**Palabras clave:** Psicopatología, vivir creativo, soledad, Winnicott

*La condition dans laquelle l'être humain naît est une condition de crise parce que les recours lui manquent face aux menaces de la vie. Par l'intermédiaire d'un travail créatif, soutenu par la mère, le bébé crée des recours de survie qui vont le créer, à leur tour. Cette première crise surmontée, elle devient la base et le modèle pour que tant d'autres crises de l'existence soient surmontées de manière créative. Ce travail a pour objet la créativité face à la psychopathologie fondamentale. Certains auteurs psychanalytiques, tels que Freud et Winnicott, ce dernier surtout, sont étudiés dans la perspective clinique et vise, au bout du compte autant la clinique elle-même que la vie.*

**Mots clés:** Psychopathologie, vécu créatif, solitude, Winnicott

*Human beings are born in a condition of crisis because they lack the resources needed to face the threats to life. Through creative work sustained by the mother, the baby mobilizes its resources for survival and is, at the same time, created by them. The overcoming of this first crisis becomes the basis and model for the creative overcoming of many other crises in life. This article is about creativity in relation to fundamental psychopathology, studying psychoanalytic authors, including Freud and, especially, Winnicott, within clinical references. The article is basically aimed at the clinic and at life itself.*

**Key words:** Psychopathology, living creatively, solitude, Winnicott